

Artigo

A rua como trama de Diversidade e Vitalidade: um estudo da rua Santa Juliana (Sete Lagoas, MG)

Anderson de Souza Sant'Anna

Programa de Mestrado Profissional em Administração, Fundação Dom Cabral.

E-mail: anderson@fdc.org.br

Jupira Gomes de Mendonça

Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: jupira@gmail.com

Daniela Martins Diniz

Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas e Liderança, Fundação Dom Cabral.

E-mail: daniela.diniz@fdc.org.br

SANT'ANA, A. S.;
MEDONÇA, J. G.; DINIZ, D.
M. *A rua como trama de
Diversidade e Vitalidade: um
estudo da rua Santa Juliana
(Sete Lagoas, MG)*. **Revista
Políticas Públicas & Cidades**,
v.4, n.2, p.127–150, ago./set.
2016.
[http://dx.doi.org/10.23900/
2359-1552.2016v4n2-pax](http://dx.doi.org/10.23900/2359-1552.2016v4n2-pax)

Resumo

Este artigo apresenta, a partir de marco teórico fundamentado em Jane Jacobs, resultados de pesquisa empírica desenvolvida com o propósito de investigar relações entre as instâncias “espaço” e “ação social”, considerando como objeto de investigação rua da “periferia” de Sete Lagoas (MG) evidenciada por sua “marginalidade”, não obstante elevado potencial de dinamismo, diversidade e vitalidade. Interessou investigar o que teria essa rua *bricoleur* a nos informar sobre a construção de dinâmicas socioespaciais em que a diversidade, a criatividade e a diferença poder-se-iam constituir fatores de desenvolvimento socioeconômico. Em termos metodológicos, a pesquisa que subsidiou seus resultados pode ser caracterizada como um estudo de caso, de natureza qualitativa envolvendo análise documental, observação direta e 41 entrevistas semiestruturadas e em profundidade. Como resultados evidencia-se a pertinência e atualidade do arcabouço teórico de Jacobs, relativo à diversidade urbana, à investigação e análise de condições socioespaciais de diversidade e vitalidade.

Palavras-chave: Jane Jacobs; Planejamento Urbano; Espaço Público; Espaço Social; Vitalidade Socioespacial.

Introdução

A rua, na que se apresenta como “[...] recorte empírico que permite encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de objetos, um recorte etnográfico possível para a exploração e o conhecimento da vida urbana contemporânea de baixo e de dentro” (CORDEIRO, 2008: 9), configura espaço fundamental de observação da vida nas cidades, seus bairros e ruas. Corroborando tal perspectiva, para Jacobs (1969) não é difícil afirmar que a maior parte da diversidade urbana é criação de quantidade substancial de pessoas diversas, com concepções diversas e de organizações diversas, com propósitos distintos. A diversidade – e, por conseguinte, a vitalidade – encontra-se justamente nessa pluralidade cultural gerada por meio das relações entre seus habitantes.

Atribuir à rua o devido papel na construção complexa desse coletivo, da qual participam características espaciais, seus habitantes, suas atividades, suas formas de vida, assim como suas histórias, tratam-se, todavia, de perspectiva que, ainda hoje, conta com poucas pesquisas.

Nesse sentido e tomando como referência a perspectiva de Jacobs (2011) este artigo tem como propósito apresentar resultados de estudo destinado a investigar condições de vitalidade junto à Rua Santa Juliana, localizada em Sete Lagoas (MG). Para tal buscou-se averiguar em que extensão o logradouro alvo da investigação apresenta características de pluralidade de usos e funções; quadras curtas; combinação de edifícios com idades e estado de conservação variados; densidade suficiente de pessoas; cujo somatório lhe conferiria vitalidade.

Cabe salientar que tal estudo deriva de programa multidisciplinar e interinstitucional de pesquisas envolvendo pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Fundação Getúlio Vargas, do Centro Universitário de Sete Lagoas e da Southern Illinois University, sob a coordenação do Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas e Liderança da Fundação Dom Cabral, destinado a investigar relações entre os construtos *Espaço e Dinâmica Social*. Inicialmente tendo como unidades de investigação processos de reconversão de funções econômicas de cidades (SANT’ANNA *et al.*, 2012; OLIVEIRA; SANT’ANNA; DINIZ, 2011; SANT’ANNA *et al.*, 2011), mais recentemente, tem-se orientado à pesquisa de dinâmicas de requalificação de espaços urbanos (SANT’ANNA, 2014; OLIVEIRA; SANT’ANNA; DINIZ, 2013).

Em linhas gerais, todavia, o conjunto dos estudos têm como foco a investigação de que forma agentes sociais específicos condicionam e são condicionados por configurações espaciais igualmente específicas, que produzem dinâmicas socioespaciais mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade. Neste caso, em particular, investigou-se rua da “periferia” de Sete Lagoas (MG), evidenciada por sua “marginalidade”, não obstante elevado potencial de dinamismo, diversidade e vitalidade. Interessou investigar o que teria essa rua *bricoleur* a nos informar sobre a construção de dinâmicas socioespaciais em que a criatividade, a diversidade e a diferença poder-se-iam constituir fatores de desenvolvimento socioeconômico.

Soma-se a isso, referências quanto à adoção de mecanismos que permitam “reconfigurar” a Rua Santa Juliana, “arrumá-la”, “ordenar seu trânsito”, “embelezar seu espaço”, “revitalizar” ou “requalificar” seus prédios antigos e de acabamentos precários” (Relato, Empreendedor 7), bem como “diminuir a circulação de veículos, bicicletas e transeuntes”. Curiosamente, iniciativas opostas ao preconizado por Jacobs (2011), para quem o objetivo seria ampliar a vitalidade e diversidade de um espaço – seja uma rua, um bairro ou uma comunidade, por meio de valorização da “ordem” complexa que regula a dinâmica dos logradouros de elevada vitalidade (JACOBS, 2011).

O que teria, então, essa “rua marginal”, essa espécie de “*l’anormal*” (FOUCAULT, 1982), “*outsider*” (ELIAS e SCOTSON, 2000) ou “*bricoleur*” (LÉVI-STRAUSS, 1966), a nos informar sobre o desenvolvimento de dinâmicas socioespaciais de diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011; FLORIDA, 2011)? O que teria a nos informar sobre a construção de “ecologias sociais comunitárias” (HANNAN e FREEMAN, 1984) ou de “*ecologies of innovation*” (GOLDSTEIN; HAZY; LICHTENSTEIN, 2010)? Em outros termos, que contribuições teria a nos aportar quanto à constituição de dinâmicas em que aspectos como a criatividade, a diversidade, a diferença e a inovação possam se revelar como fatores de desenvolvimento e vantagem competitiva (JACOBS, 2011)?

Além da busca em si por respostas a questões como essas, este estudo se justifica, ainda, em nível teórico, ao ampliar pesquisas acerca da multiplicidade de inter-relações que forjam dinâmicas socioespaciais contemporâneas, ampliando possibilidades quanto a novos olhares e contribuições teórico-conceituais-metodológicas que venham a favorecer a construção de ambiências citadinas mais aderentes à diversidade e à vitalidade, elementos centrais de “competitividade” das cidades e, em particular, de bem-estar das pessoas nelas envolvidas.

Já em termos práticos, justifica-se ao contribuir com subsídios que venham a propiciar o desenvolvimento de políticas e práticas direcionadas à construção de ambiências urbanas favoráveis à diversidade e vitalidade. Nessa direção, propõem-se como objetivos secundários: 1. propiciar subsídios para o delineamento de metodologias e instrumentos de intervenção direcionados ao desenvolvimento de contextos urbanos fundamentados na diversidade e no senso de comunidade; 2. apresentar contribuições para o desenho de metodologias aptas a tais desafios; 3. propiciar elementos para elaboração de políticas e ações orientadas a um desenvolvimento urbano mais inclusivo, participativo e democrático, respeitando as diversidades e riquezas subjacentes às diferenças.

A cidade em mutação

Desde meados do século XIX, as cidades – em especial as europeias e estadunidenses – tornam-se locais marcados pela modernidade, com suas oportunidades de trabalho industrial e expansão do setor de serviços atraindo imigrantes do campo bem como de áreas economicamente menos desenvolvidas. Com o crescente afluxo populacional, os centros urbanos atraem a atenção de acadêmicos e pesquisadores das ciências sociais e humanas, notadamente ao abrigarem ampla diversidade cultural, social, política e econômica:

É a partir, sobretudo, da segunda metade do século XIX que pensadores de diferentes orientações passam a se dedicar, de modo mais sistemático, à reflexão e pesquisa sobre o meio urbano, precedidos ou contemporâneos das obras de literatos, especialmente romancistas, como Balzac, Dickens, Proust, Eça de Queiroz e Machado de Assis (VELHO, 2009: 11).

Será, todavia, nos anos 1920, que os estudos urbanos ganharão amplitude no campo das ciências humanas, sendo produzida uma série de estudos em áreas urbanas de intenso adensamento humano e desenvolvimento econômico. Todavia, relega-se a segundo plano os espaços “precários”, retratando-os, no máximo, como meras aglomerações urbanas densas e blocos monolíticos, aparentemente homogêneos. Em outros termos, como “*espaços nus*”, no dizer de Velho (2009).

Nesse contexto, estudos relacionados à Escola de Chicago, muito embora sob olhar que apreende a cidade como símbolo da “*primeira forma material da modernidade*”, ensaiam primeiras investigações envolvendo “*espaços-entre*” (AGIER, 2011), como a rua. Tais estudos serão seminais para a ideia de um “*modo de vida urbano*”, que para Wirth (1979) faz com que seus espaços periféricos comecem a ser considerados como *loci* de interações mais “*típicas da cidade*”. Não obstante, ainda se limitam à (re-)produção de categorias bipolares: centro-periferia, público-privado, campo-urbano, casa-rua, familiar-estranho; bem como à recusa de considerarem o protagonismo e a vitalidade social e urbanística do “*locus popular*”, relegando-o a espaço opaco e indefinido de marginalidades.

Tais lacunas, todavia, abrem espaço ao desenvolvimento de novas pesquisas sobre a cidade direcionadas a uma compreensão mais sistêmica das relações simbólicas e intersubjetivas que se estabelecem entre os agentes sociais e os espaços por eles ocupados, englobando uma série de novos elementos a serem observados e colocando seus espaços antes relegados a segundo plano – esquinas, praças, parques e mercados populares – como palcos em que se processa ampla riqueza de relações.

Inicialmente, a “*homogeneidade*” pode parecer dotada de alguma ordem; porém, a uniformidade produz, igualmente, efeitos colaterais, dentre eles a monotonia. Ao buscar uma organização visual, na tentativa de suprimir as diferenças, as cidades estariam, assim, mais fadadas ao fracasso que ao sucesso (JACOBS, 2011). Para Jacobs (2011), harmonizar a diversidade, respeitando a liberdade, assim como a prevalência de uma “*ordem mais complexa*” ao invés da ausência de ordem, apresenta-se como solução.

Nessa mesma linha de raciocínio, para Agier (2011), a cidade – assim como o conjunto dos espaços e processos que a implicam – deveria ser o *locus* por definição das diferenças. Afinal, “[...] *quando nos diferenciamos, nos identificamos aos outros que se diferenciam, e esses processos idênticos de diferenciação passam-se hoje fundamentalmente na cidade, ou pelo menos, nascem lá*” (AGIER, 2011: 88).

O autor acrescenta, ainda, o fato de a rua se apresentar como o “[...] *lugar por excelência da relação, mais que do indivíduo*”. (AGIER, 2011: 168). Logo, a relevância de seu estudo como processo humano, vivo e flexível de produção de diferenças, heterogeneidades, diversidades e do novo.

Em síntese, a cidade – assim como seus elementos e processos – deveria, em si mesma, ser compreendida como um “dispositivo” cultural, em que as condições de interpretação emergentes nas situações cotidianas da vida cidadina apresentar-se-iam como manifestações *par excellence* de sua cultura.

Como a maior parte da diversidade urbana é resultante de quantidade significativa de pessoas diversas, com concepções diversas, assim como de organizações com propósitos distintos (JACOBS, 2009), a diversidade das cidades – seus elementos e processos – encontra-se exatamente nessa “pluralidade” advinda das relações sociais entre seus habitantes, trabalhadores e visitantes.

Adotando, portanto, como premissa a compreensão da rua como metáfora *sine qua non* de “espaço-entre” (AGIER, 2011) e, nesse sentido, como “coacervado” de flexibilidade, diversidade e vitalidade, optou-se para fins pela adoção do arcabouço teórico relacionado à diversidade urbana delineado por Jane Jacobs, incorporando-o como marco-teórico para a análise das condições espaciais de diversidade e vitalidade junto ao logradouro-alvo da pesquisa.

Condições que geram diversidade

Embora os resultados sejam complexos e os ingredientes que os produzem tendam a variar, segundo Jacobs (2011), a complexidade que transversaliza as espacialidades urbanas fundamenta-se em relações econômicas tangíveis que, em princípio, são muito mais simples que as intrincadas combinações que possibilitam. Assim sendo, é importante compreender como as cidades podem gerar uma mistura de usos, uma diversidade suficiente – por uma tensão satisfatória de áreas urbanas – para preservar a própria civilização. Segundo ela, quatro condições espaciais são indispensáveis para gerar uma diversidade “exuberante” nos bairros e ruas que compõem nossas cidades:

Condição 1: A rua, e sem dúvida o maior número possível de segmentos que a compõem, deve atender a mais de uma função principal: de preferência, a mais de duas. Estas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura (JACOBS, 2011: 167).

Condição 2: A maioria das quadras da rua deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes (JACOBS, 2011: 197).

Condição 3: A rua deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser compacta (JACOBS, 2011: 207).

Condição 4: Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá (JACOBS, 2011: 221).

Más interpretações sobre o papel da diversidade para a vida das cidades criam falsos mitos sobre a mistura de usos, os quais relacionam a diversidade com ruas “malsucedidas”.

Para Jacobs (2011), a ideia de que a mistura de usos é feia, provoca congestionamentos e estimula usos nocivos é reflexo exatamente de espaços com pouca diversidade. Segundo ela, a crença de que a diversidade está relacionada à má aparência implica que as misturas de usos se assemelham a bagunça, querendo equivocadamente sugerir que lugares marcados pela homogeneidade de usos têm melhor aparência e são mais eficientes, o que, segundo Jacobs (2011), não reflete a realidade.

A homogeneidade de usos pode parecer inicialmente dotada de alguma ordem, porém tal uniformidade não raro se converte em monotonia, impedindo que bairros e ruas tenham grande circulação de serviços e pessoas. E mesmo que a diversidade de usos esteja associada à diversidade de idade dos prédios, pode, às vezes, contaminar-se da monotonia típica das quadras muito longas. Ao buscar uma organização visual centrada na tentativa de suprimir as diferenças, as cidades estão, portanto, fadadas ao fracasso. Buscar harmonizar, visualmente, a diversidade urbana, respeitando a liberdade, é, como já reiterado, questão fundamental para Jacobs (2011: 253): *“A diversidade urbana não é intrinsecamente feia. Isso é um erro de julgamento, e dos mais banais. Porém, a falta de diversidade é, por um lado, naturalmente deprimente e, por outro, uma grosseria caótica”*.

Outro equívoco comum é relacionar a diversidade a problemas no trânsito. A verdade é que o congestionamento de trânsito é provocado por veículos e não pelas pessoas em si. Em lugares onde a densidade urbana é baixa ou em que as combinações de usos não são frequentes, qualquer ponto de atração particular pode resultar em congestionamentos. A inexistência de uma diversidade ampla e concentrada pode levar as pessoas a usarem automóveis por qualquer motivo. Os espaços ocupados por novas vias e estacionamentos fazem com que tudo fique mais distante e intensifique ainda mais o uso de automóveis (JACOBS, 2011).

Segundo Jacobs (2011), esses “mitos” são alguns dos “bichos-papões” que fazem as cidades combaterem a diversidade. Essas crenças ajudam a moldar as diretrizes do zoneamento e atrapalham o planejamento urbano. Como já foi dito, essas distintas combinações não são uma forma de caos, são organizações extremamente complexas que permitem às cidades se manterem vivas.

Em suma, uma indelével mensagem deixada por Jacobs (2011) é que precisamos de todos os tipos de diversidade, intrinsecamente combinados e mutuamente sustentados, sendo isso necessário para que a população das cidades e de seus diversos lugares possa crescer e se desenvolver.

Metodologia

A pesquisa que subsidiou a realização deste estudo pode ser caracterizada como de natureza qualitativa e caráter descritivo, conduzida por meio do método de estudo de caso único (Yin, 2005). O público-alvo constou de transeuntes, empreendedores, trabalhadores e moradores da Rua Santa Juliana e bairros circunvizinhos, tendo-se adotado para coleta de dados a realização de 41 entrevistas semiestruturadas e em profundidade, além de análise documental e observação direta, do tipo não participante. Os dados foram coletados no período de agosto de 2014 a dezembro de 2015, gerando cerca de 2.500 minutos de gravação, registradas em mais de 350 laudas de transcrição.

Quanto ao tratamento dos dados obtidos via entrevistas, além de cuidadosa análise manual dos dados obtidos em cada entrevista empreendeu-se, complementarmente, exame por meio do *software* de tratamento qualitativo de dados *N-vivo 8.0*, seguindo o processo de codificação e categorização, conforme indicado por Flick (2009). Igualmente, os documentos analisados – Câmara Municipal de Sete Lagoas (2013), Clube de Diretores Lojistas de Sete Lagoas (2014a, 2014b), Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2012, 1998); Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sete Lagoas (2014), Sindicato do Comércio de Sete Lagoas (2012) – após digitados em planilha *Excel* foram, igualmente, submetidos a análise por meio do *software* *N-vivo 8.0*.

Por meio do conjunto das entrevistas, observações diretas e documentos analisados foi possível traçar um panorama privilegiado da Rua Santa Juliana, uma das ruas mais antigas de Sete Lagoas, a qual constitui importante eixo de desenvolvimento econômico local, sendo a principal via de acesso da região central da cidade às plantas industriais de grandes empresas – como a Iveco-Fiat, a Ambev, Carterpillar – e seus “cinturões” de fornecedores, instalados nos limites da localidade com a vizinha cidade de Jequitibá, pela MG-238 e, desta, a partir da MG-323, para os municípios de Baldim e São Vicente, bem como para a Serra do Cipó e Confins (BOLSON, 2011).

Com a implantação de grandes indústrias na região, a partir dos anos 1980, a Santa Juliana vive período de intensa expansão econômica, com implantação de diversificado comércio, incluindo lojas de varejo, materiais de construção, oficinas mecânicas, agências de automóveis e, mesmo, agência bancária. De forma similar, condomínios de classe média e média alta começam a se instalar às margens da MG-238, os quais têm pela Santa Juliana única via de acesso à região central de Sete Lagoas. A rua é também margeada por significativo número de bairros populares e de baixa renda, conferindo-lhe diversidade de usuários, funções e usos. No mais, como única via de acesso de Sete Lagoas, pela MG-238, a diversos municípios vizinhos; assim como para as plantas industriais da Iveco-Fiat, Ambev e de empresas que compõem seus cinturões de fornecedores, a Santa Juliana emerge, nos anos 1990, como exemplo típico de recente “eixo de desenvolvimento” de Sete Lagoas, expandindo-se de forma significativa como centro de compras e negócios e impulsionando a descentralização urbana (BOLSON, 2011), conforme ilustra a Figura 1.

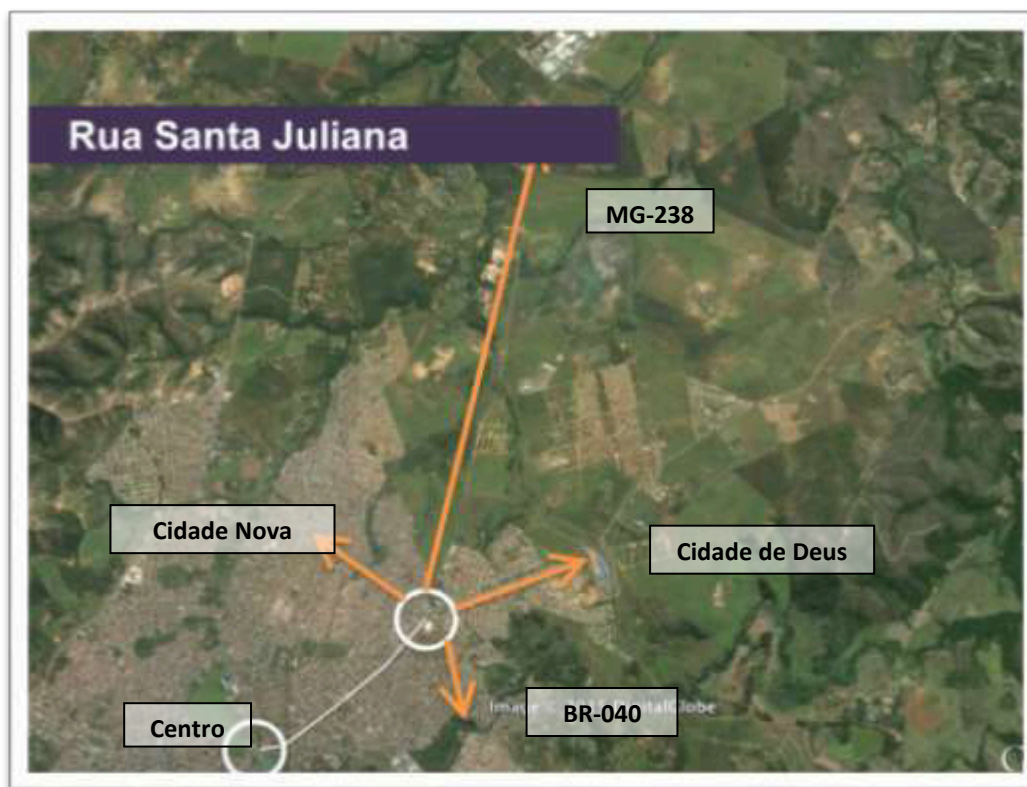


Figura 1 - Santa Juliana: raio de influência. Fonte: Castro, 2015, p. 9.

Em decorrência, a expansão do comércio na Santa Juliana a configura como afluente centro de compras e serviços, com significativo potencial de retenção de consumidores oriundos tanto das áreas rurais próximas, bairros populares e conjuntos habitacionais de baixa renda, quanto de condomínios de classes média e alta localizados ao longo da MG-238.

Dados do IBGE (2011)¹ indicam a existência, na Santa Juliana, de 422 endereços, com predomínio de domicílios particulares (241), seguidos daqueles para fins comerciais (168): com predominância de empreendimentos dos setores de Confecções e Vestuário (14%), Equipamentos e Materiais de Construção (12%), Automóveis e Autopeças (12%) e Alimentação e Bebidas (12%). Já o quantitativo de moradores na rua é estimado em 836 habitantes, com renda *per capita* estimada em R\$ 628,00.

Se, por um lado, as estatísticas apontam para o crescimento econômico local, com inúmeros estabelecimentos comerciais; por outro lado, relatos de empreendedores locais evidenciam que tal processo se vê marcado por antíteses e contradições. Empregando o arcabouço teórico delineado por Jacobs (2011) é possível, de forma sistemática, apreendê-las e evidenciá-las a partir das quatro condições de diversidade

¹ IBGE, Censo Demográfico. Resultados gerais da amostra. IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/home.pdf>>. Acesso em: 25/01/2016.

e vitalidade por ela propostas: 1. diversidade de usos e funções; 2. densidade de pessoas; 3. tamanho das quadras; 4. mistura entre edifícios novos e antigos.

A partir do estudo da Rua Santa Juliana propõe-se discutir a diversidade urbana a partir dos eixos de análise delineados: 1. diversidade de usos e funções; 2. densidade de pessoas; 3. tamanho das quadras; 4. mistura entre edifícios novos e antigos

De acordo com Jacobs (2011), um bairro ou uma rua deve atender a mais de uma função principal, assegurando a presença de pessoas no local por motivos diferentes, utilizando boa parte de sua infraestrutura instalada, coerentemente a dados obtidos em relação à Santa Juliana:

Nos últimos anos o comércio da Santa Juliana foi fortalecido e se diversificou. Quem necessita consertar o carro, comprar remédios ou fazer as compras do mês não precisa sair da região. Em um trecho de aproximadamente mil metros da rua é possível encontrar de tudo. Além das tradicionais opções de lojas de bairro a Santa Juliana ganhou laboratório para exames médicos, consultórios odontológicos e filiais de lojas tradicionais como FELT Elétrica e Bandeirante Motos. Em 2011, o Scoob Credisete inaugurou na rua a primeira agência bancária fora da região central de Sete Lagoas (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

Igualmente, depoimentos corroboram o incremento da diversidade de usos e funções, notadamente após a implantação de grandes empresas na região, com destaque para as plantas industriais da Iveco e da Ambev:

Aqui, por aqui, não tinha comércio nenhum não, a gente ia comprar tudo lá embaixo no centro, de ônibus. Eu encontro tudo aqui. Assim, a Santa Juliana é um comércio e uma via para outros bairros, que já tem tantos bairros ali na frente, né? (Relato, Empreendedor 2).

Modificou tudo. Quando nós viemos morar aqui, praticamente não tinha asfalto nenhum, só tinha terra, comércio praticamente nenhum, o ponto de ônibus deixava a gente só até no Montreal. Tinha que vir a pé, um poeirão que só Deus. A gente nem acreditava onde a gente estava morando. Depois da Ambev, o comércio só veio aumentar, tanto é que tem banco, tem várias casas lotéricas, várias farmácias, açougue. Não tinha nada não aqui, não tinha comércio, não tinha emprego (Relato, Empreendedor 10).

Além do aumento do número de estabelecimentos comerciais e sua diversificação, relatos apontam também para sensível melhoria na qualidade dos produtos e serviços ofertados, bem como nos processos de atendimento ao cliente. Para um número significativo de respondentes, tais alterações encontram-se diretamente associadas à diversificação do perfil dos consumidores, sobretudo com a incorporação de trabalhadores e profissionais de grandes corporações instaladas na região.

Igualmente, apontam para maiores preocupações com a qualidade dos equipamentos públicos, com o sistema de iluminação; bem como maior cuidado dos comerciantes com o visual das fachadas e vitrines e acessibilidade nas calçadas:

Lojas antigas... o povo tá melhorando elas... fazendo lojas mais novas, né!? Estrutura bem mais nova do que era há um tempo atrás (Relato, Empreendedor 1).

Relatos destacam também implicações associadas ao aumento do grau de adensamento populacional da região, face ao volume de trabalhadores admitidos junto às plantas industriais e suas respectivas cadeias de fornecedores e prestadores de serviços. Como consequência, evidenciam papel cada vez mais relevante da Santa Juliana como “pivô” de uma nova “centralidade” emergente no contexto de crescimento dos bairros que a circunvizinham:

Fora do centro a nossa rua é a mais destacada. Isso porque ela dá saída pra cinco cidades e ainda tem ainda uma outra coisa, que nós estamos mais ou menos agora, que nós éramos o último dos bairros o último dos moradores depois do nosso bairro aqui ainda tem mais quatro bairros, pra lá vai virando quase um bairro centro, é onde já veio pra cá, nós já temos bancos, aqui temos casa lotéricas, temos aqui depósito de material de construção, temos bons depósitos de material de construção, temos aqui três postos de gasolina nessa rua, temos aqui quatro farmácia nessa rua, você vê que é. [...] Então temos tudo isso aqui, hoje você mora na Rua Santa Juliana, você fica aqui um ano sem precisar ir ao centro da cidade pra comprar qualquer coisa: tecidos, tecidos em metro é confecções e tudo em geral que a gente encontra aqui (Relato, Morador 23).

Cabe salientar que a expansão industrial da região não se vê, todavia, acompanhada no mesmo ritmo pela produção de novas unidades habitacionais. Como consequência, a procura por imóveis se amplia, resultando na elevação dos valores de aquisição, locação e de transferência de pontos comerciais. Nessa direção, relatos indicam como alternativa comum a transformação de residenciais em unidades para fins comerciais, pressionando ainda mais o mercado imobiliário local.

Tais fenômenos, conforme observa Jacobs (2011), denota preocupação na medida em que alterações radicais e abruptas no perfil dos residentes podem resultar em impactos nem sempre positivos na cultura e no estilo de vida locais. Além disso, paradoxalmente, implicações poderão vir a ser sentidas inclusive na redução da diversidade atualmente constatada no logradouro, com consequências nos índices de violência, assaltos, delinquência juvenil e consumo de drogas, pela eliminação de dispositivos que operam na qualidade de “olhos da rua” (JACOBS, 2011).

A expansão desenfreada pode, por exemplo, acabar por converter a Santa Juliana em mera “via” de passagem de veículos, com baixa interação social. Para tal, parecem significativas ações que valorizem a combinação entre comércio e residência, favorecendo a vitalidade da rua em diferentes horários, assim como um melhor aproveitamento das ruas transversais, seja para estacionamento, seja para atividades comerciais e de serviços de melhor margem de lucro e, portanto, incapazes de sustentar uma locação de imóveis na própria Santa Juliana:

De uma certa forma pra gente que é residencial [...] Daqui uns dias vai ser meio raro também (Relato, Empreendedor 2).

Eu acho que vai só crescendo o comércio [...] Cada vez mais e mais. [...] A via passa a ser cada dia mais um corredor, já estão construindo loteamentos próximo da Iveco. Você quase não vê, na Santa Juliana, residencial mais e eu acho que a tendência é essa: continuar crescendo e pessoal buscar cada vez mais vir pra cá (Relato, Empreendedor 4).

Hoje nós temos no comércio um fluxo bem maior de clientes. A valorização da rua aumentou muito, e o pessoal vendeu os imóveis que foram transformados em comércio (Relato, Empreendedor 3).

Não vai ter lote e casa mais, só comércio, literalmente só comércio. Essas poucas casas que têm aqui, eu acredito que daqui uns três, quatro anos, não vai ter mais não (Relato, Empreendedor 4).

Igualmente, registram-se menções quanto a níveis crescentes de estresse decorrente, dentre outros fatores, do intenso adensamento populacional, do constante fluxo de pessoas e veículos, bem como de sensação de insegurança, quer por ameaças e riscos existentes na própria rua, quer em seu entorno. Como efeito, diversos depoimentos fazem menção à intensificação da evasão de moradores mais antigos, estimulada, além dos fatores citados, pela influência de familiares mais jovens, menos apegados ao local e a noções como as de vizinhança e comunidade, e mais seduzíveis pelas expectativas quanto à aquisição de imóvel de melhor padrão construtivo, em “áreas residenciais mais nobres”.

Densidade de pessoas

No que tange à condição de densidade e diversidade de pessoas é unanimidade entre os respondentes a percepção de que a Rua Santa Juliana a contempla de forma significativa. Para eles, fatores como a elevada densidade populacional dos bairros do entorno, seu comércio diversificado e sua posição estratégica como única via de acesso a grandes empresas e a diversas cidades vizinhas, permitem um fluxo significativo e diversificado de pessoas e veículos durante o dia e à noite:

Circulação é direto. É dia e noite. Isso aqui não para inclusive de noite, se você vier aqui nove horas da noite, vai ver que tem um movimento. É essa barulhada na sua cabeça o dia inteiro. É isso aí vai apaziguar lá pras dez e meia, onze horas (Relato, Empreendedor 7).

Essa rua é um corredor de trânsito para muitos bairros dessa região. Passa muitas pessoas que vão pro serviço de bicicleta, de moto, de ônibus. Então tem um trânsito intenso com pico de manhã, a tarde tem muito ônibus. O dia todo. Até a noite. Dá um bom movimento na rua até umas 22 horas. Bares, tem lanchonete (Relato, Empreendedor 3).

Pessoa, bicicleta, moto. É o tempo todo. Aqui é o tempo todo o dia inteiro, a rua movimentada o tempo todo. Inclusive à noite, na hora que a gente está fechando a loja (Relato, Empreendedor 14).

Essas linhas de ônibus que nós temos aqui devem movimentar mais de 1.000 pessoas por dia. E a lotação sempre cheia (Relato, Morador, 25).

É... O pessoal fala muito mal da rua por causa do movimento (Relato, Morador 8).

Nessa direção, relatos reiteram, inclusive, preocupações quanto à transformação da Santa Juliana em mera “via” de passagem. Revelam, ainda, receio de que a rua se converta em breve em circulação de mão única, com implicações significativas sobre as atividades comerciais e a densidade de pessoas que nela circulam:

Então o fluxo estava péssimo aqui. Mas hoje já deu uma melhorada bem bacana. Agora estacionando só de um lado, melhorou bem (Relato, Trabalhador, 19).

O crescimento do comércio aqui foi bem satisfatório nesse período, e a questão da rua ter tido um lado proibido para estacionar, isso aí melhorou muito a questão de acidente, dificilmente passava um dia sem acidente. Sempre tinha uma batida só de veículos e muitas com vítimas, principalmente de moto. Desde essa época que eu trabalho aqui, sempre foi uma rua muito comercial (Relato, Empreendedor 3).

Depende da política. O pessoal fica batendo na tecla de colocar mão única aqui. Se colocar mão única, você pode contar os dias dessa rua. Comércios todos vão fechar (Relato, Trabalhador 7).

Sem dúvida, a densidade e pluralidade de pessoas encontra-se diretamente relacionada com a diversidade de usos e funções. Nessa relação, apesar de receios quanto ao futuro, a Santa Juliana, uma vez mais, apresenta-se, para a grande parte dos respondentes como “exemplar”. Não obstante o grande volume de usuários serem pessoas dos bairros de seu entorno – majoritariamente famílias operárias, das classes econômicas “C” e “D” –, na perspectiva dos respondentes, o público tem-se ampliado e diversificado, somando-se maior contingente de usuários da zona rural próxima, das cidades vizinhas, de conjuntos habitacionais de baixa renda e condomínios de classes média e alta localizados nas proximidades e ao longo da MG-238.

Em linhas gerais, o processo de diversificação do parque industrial, vivenciado por Sete Lagoas (MG), a partir da década de 1990, tem resultado no que Monte-Mór (2005) define como “urbanização extensiva”, atribuindo à região da Santa Juliana um caráter cada vez mais forte de “centralidade local”. A Figura 2 apresenta, sob uma perspectiva longitudinal, a região da Rua Santa Juliana, comparativamente ao perímetro urbano de Sete Lagoas, nas décadas de 1960, 1980, 1990 e 2010, em que tais noções se evidenciam.

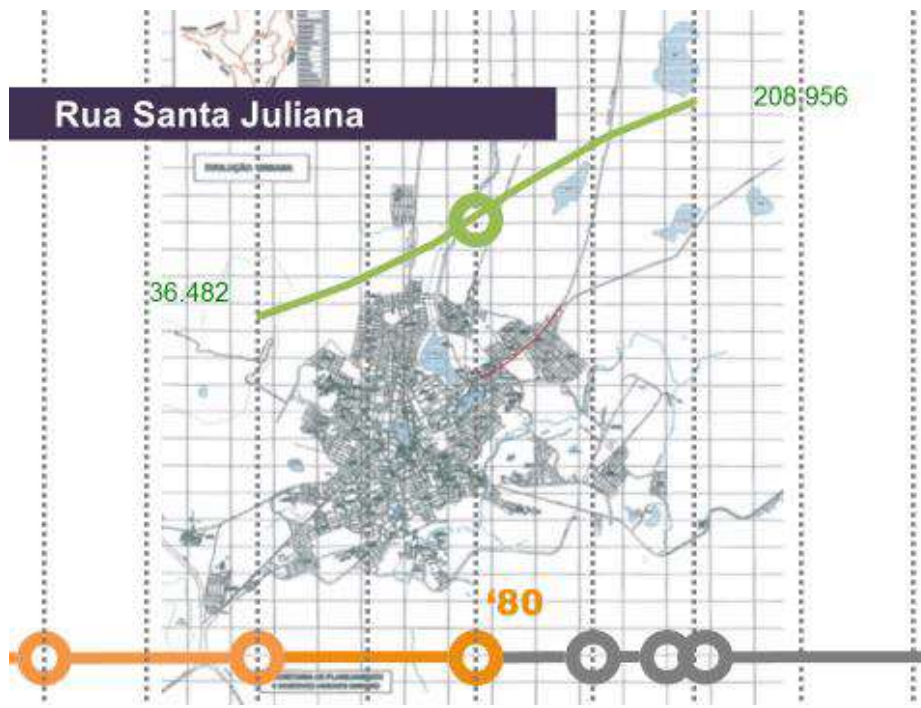
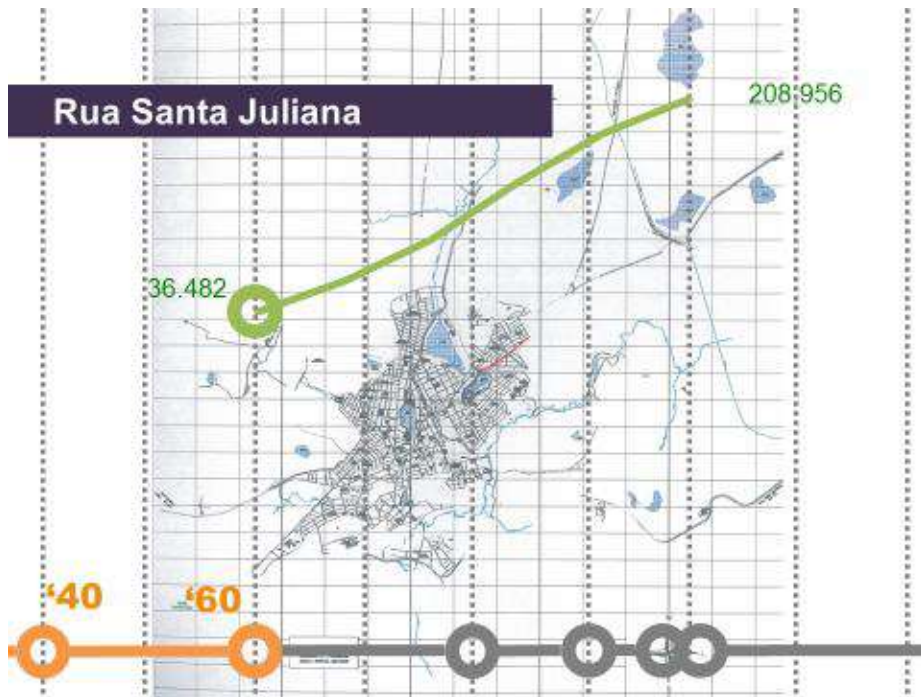




Figura 2 - Situação urbana de Sete Lagoas vis-à-vis a região da rua Santa Juliana. Fonte: Adaptado de Castro, 2015, pp. 4-8.

Segundo relatos, lojas de materiais agropecuários, floriculturas e depósitos de materiais de construção constituem parada quase obrigatória no deslocamento de sítiantes e proprietários de casas de campo localizadas na zona rural próxima, bem como aos diversos em construção. Depoimentos apontam também para a atratividade

do logradouro por parte de profissionais mais qualificados atuantes nas plantas da Ambev, Iveco e de seus fornecedores instalados na região: padarias, sacolões, farmácias, açougues, supermercados:

O perfil? [...] É a classe mais carente. A gente vai propor um preço menor, porque o pessoal é mais carente. O que não dá certo lá no centro, entendeu? Foi uma ideia legal, uma boa sacada do dono (Relato, Empreendedor 5).

O perfil agora está mudando por causa dessas empresas. Então, está tendo um perfil mais avançado, coisas melhores, coisas que não tinham antigamente. Mas agora está bem diversificado: desde uma pessoa mais simples, mais pacata até uma pessoa mais pra frente, vamos dizer assim (Relato, Trabalhador 21).

Não obstante, evidenciam-se depoimentos quanto à ausência de planejamento e de políticas públicas direcionadas à rua. São significativas as críticas quanto à não utilização do potencial de lazer, recreação e integração inclusive já existentes na Santa Juliana, por exemplo, os campos de futebol e quadras de esporte nela instalados, com tendências à intensificação de estabelecimentos privados de entretenimento e sociabilidade:

Eu acho que essa rua virou tão comércio que a gente nem tem muito relacionamento. É mais assim: chega, oi... oi... E entra. Eu acho interessante o que a gente vê muito nos outros bairros, você vê criança na rua. Nessa rua, você não vê ninguém, só carro (Relato, Empreendedor 2).

Um outro importante aspecto associado à densidade de pessoas é, sem dúvida, a segurança. Segundo Jacobs (2011), para uma rua se tornar segura, são necessárias, no mínimo, duas características: primeiro, devem existir “olhos para a rua”, que a contemplem e a tornem mais segura; segundo, a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente. Essas duas condições estão presentes na Rua Santa Juliana, porém não se têm revelado suficientes para torná-la segura.

Dados do 25º BPM-MG, com sede em Sete Lagoas, reportam, em relação ao primeiro semestre de 2014, um total de 90 ocorrências oriundas na Santa Juliana, com destaque para 24 registros de roubo (22 consumados) e 8 de furto (7 consumados), conferindo-lhe o quinto lugar no *ranking* dos logradouros mais violentos de Sete Lagoas (FANSINI, 2012).

Ainda de acordo com dados do 25º BPM-MG registra-se elevado número de jovens e adolescentes como alvos das ocorrências oriundas do logradouro. A maior parte referente a pequenos furtos, comumente associados ao consumo e tráfico de drogas. Como decorrência do aumento dos níveis de criminalidade, comerciantes locais aderiram ao programa RCP, uma parceria com o CDL-Sete Lagoas e a Polícia Militar. A rede opera por meio da troca de informações entre os lojistas, sempre que deparam com “movimentos suspeitos” nas proximidades de seu comércio, e compartilhamento das informações que possam prevenir furtos, roubos, assaltos, golpes e outras ocorrências que afetam os estabelecimentos comerciais e clientes das lojas da rua. Periodicamente, policiais militares se reúnem com os comerciantes para avaliar seu desempenho e transmitir informações úteis. Além das ações da polícia e da RCP, a adoção de medidas de segurança privada – incluindo cercas elétricas, câmeras de

videomonitoramento, contratação de vigilantes e de segurança privada – já constitui realidade em diversos pontos da via (FANSINI, 2012).

Tais achados permitem uma vez mais, reiterar a relevância e atualidade das considerações delineadas por Jacobs (2011) quanto a fatores associados à segurança de uma via ou bairro com elevada diversidade e vitalidade. De fato, o crescimento do número de grandes empreendimentos, com horários comerciais de funcionamento; a venda de imóveis anteriormente direcionados a moradia para fins meramente comerciais; a transformação da rua em via de passagem ou meramente com função comercial são alguns dos fatores apontados pelos entrevistados como explicativos das alterações tanto quantitativa, quanto qualitativas nos indicadores de segurança pública no local.

Além disso, o esgarçamento das relações de vizinhança é comumente apontado como fator de expansão no número de ocorrências policiais, principalmente envolvendo adolescentes e jovens. Se tais grupamentos são, em grande número, conhecidos dos comerciantes mais antigos, cujos avós ou pais constituem, não raro, componentes de seus portfólios de clientes, o crescimento no número e na taxa de rotatividade dos novos empreendimentos acabam tendo como consequência a ruptura de tais laços de vizinhança e de dispositivos tácitos de controle social, favorecendo o crescimento de pequenos delitos, comumente associados ao tráfico de drogas. Muito provavelmente, a ausência desses comerciantes, o incremento na redução do número de moradias e a intensificação dos processos de alteração de tradicionais padrões imobiliários, como a mescla de residências e estabelecimentos comerciais - convertendo os primeiros nos segundos - tende a repercutir nos indicadores de segurança, bem como em alterações no perfil de crimes.

Estudos desenvolvidos, mais contemporaneamente, por autores como Soja (2013) e Sennet (2005), e, no Brasil, dentre outros, por Caldeira (2000), corroboram tais achados.

Os efeitos, nessa direção, parecem diretamente associados ao dispositivo, anteriormente mencionado, descrito por Jacobs (2011) como “olhos da rua”. A mistura de residências e comércios, a existência de prédios com portas e janelas voltadas para a rua, a presença e circulação de moradores de diferentes faixas etárias, durante o dia e à noite, os vínculos de vizinhança, embora ainda em certo grau prevalentes na Santa Juliana, parecem, todavia, perder espaço com sua acelerada transformação em via eminentemente comercial.

Em outros termos, a vigilância exercida pelos moradores – e também, como indicada por Jacobs (2011), por mendigos habituais, flanelinhas, coletores de recicláveis e até mesmo desocupados e figuras caricatas locais, que passam o dia - e a noite - perambulando pela rua, por seus estabelecimentos públicos e botequins, dormindo sob suas marquises ou em seus espaços públicos abertos – desempenha papel importante como “olhos da rua”, favorecendo a segurança. A qualidade da iluminação pública, igualmente, constitui dispositivo clássico de segurança, assim como o fluxo de pessoas na via, em diferentes momentos do dia e da noite, e a apropriação efetiva dos espaços públicos de lazer e recreação, pela comunidade. A redução da capacidade de operação dos “olhos da rua” pode, no entanto, ser inferida de ampla gama de relatos sobre a recente escalada da violência na via:

Pode caprichar nas trancas, porque é uma rua perigosa. Já ouvimos falar muito de assalto na lotérica, eles já sofreram e sofrem muito isso aí (Relato, Empreendedor 7).

E esse Açaí, em dois anos, no máximo, já foram assaltados, acho que pelo menos duas vezes. [...] Já melhorou muito de uns tempos pra cá, porque tinha muitos jovens que davam problema. Eles tentando entrar aqui direto e querendo roubar (Relato, Empreendedor 4).

Com certeza, o índice de assalto na rua aumentou muito. Quando tinha um patrulhamento no bairro, esse número de assaltos era bem pequeno. Só que de um período pra cá, já deve ter mais de três anos, tirou esse patrulhamento e aí passou a ter mais assaltos. Inclusive tem comércios aqui que já foram assaltados três vezes seguidas num pequeno espaço de tempo (Relato, Empreendedor 3).

A gente fica aqui à mercê, né? Sabe, você não vê polícia aqui mais, antigamente passava, eles colocavam policial e ficavam andando na rua aqui, entendeu, mas tem bem tempo já que não tem mais. E esse Açaí aqui tem um ano e pouco que eles estão aí. Dois anos no máximo, já foram assaltados acho que pelo menos duas vezes (Relato, Morador 28).

Em suma, tais relatos revelam-se significativos não apenas ao corroborar empiricamente a condição de vitalidade alvo das análises conduzidas neste tópico, mas, sobretudo, ao evidenciar o papel proeminente do fator espaço geográfico como elemento protagonista de vitalidade econômica, cultural e social. Tal relevo evidencia-se, por exemplo, na negativa dos respondentes quanto a visões que ainda insistem em caracterizar o espaço como “morto” ou apenas como uma “moldura” sobre a qual se operam as relações sociais. Ao contrário, os dados apontam para sua relevância e papel destacado como importante “capital” a ser mobilizado nas diferentes estratégias direcionadas ao domínio do campo em que se processam as relações na Santa Juliana.

Mistura entre edifícios novos e antigos

Quanto à combinação de edifícios novos e antigos, Jacobs (2011) observa que a rua deve ter uma mistura de edifícios com idades e estados de conservação variados e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimentos econômicos variados. Tal condição é plenamente constatada a partir dos dados coletados junto à Santa Juliana.

Um primeiro ponto verificado é que a disposição e a estrutura da rua e dos imóveis (residenciais ou comerciais) não possuem um padrão. Logo, a rua tem capacidade de oferecer algo para diferentes públicos. Conforme adverte Jacobs (2011), se uma área da cidade tiver apenas prédios novos, os futuros empreendimentos estarão limitados àqueles que podem arcar com os custos elevados desses novos edifícios, o que não é o caso da Rua Santa Juliana. Ela é uma mistura de casas e prédios antigos e construções mais novas, construídas, especialmente, após a instalação das grandes empresas.

Mais recentemente, com a valorização imobiliária da região, relatos fazem menção a crescimento do número de novas edificações, incluindo prédios com maior número de pavimentos, bem como caracterizados pela ênfase em duplo uso: comercial, no piso térreo, e residencial, no segundo pavimento. Tais construções distinguem-se, também, pelo melhor padrão construtivo e maior cuidado com detalhes do acabamento.

Seguindo a tradição local de maior *status* de se morar próximo ao centro, quanto mais próximo do início do logradouro (sentido centro-bairro), maior é a presença de casas. Como resultante dessa concentração, registra-se nesse trecho predominância de imóveis mais antigos, de menor variedade de usos e funções, assim como de quadras mais longas e monótonas, com menor circulação de transeuntes. Corroborando o preconizado por Jacobs (2011), a tais fatores associam-se, conferindo a esse trecho menor vitalidade, comparativamente aos demais:

Aqui ainda eu acho que é mais residência. Então o fluxo aqui ainda é um pouquinho menor do que lá na frente. Na frente o movimento ainda é mais intenso (Relato, Empreendedor 4).

Isso também manda muito. Lá embaixo é mais casa, mais residência, começou a crescer foi do posto para cá. Aí você começa a observar que tem mais comércio (Relato, Morador 26).

Muitas residências deram lugar para novos comércios. É exatamente a parte mais residencial da rua é no início, perto da rotatória do bairro Boa Vista. Ali tem mais moradores (Relato, Morador 22).

De fato, à medida em que se avança no sentido bairro vai-se notando alterações na configuração arquitetônica, bem como na dinâmica socioeconômica da rua, com menor número de residências e maior diversificação de usos e funções, incluindo maior presença de equipamentos públicos e estabelecimentos comerciais

A partir daí tem-se um predomínio de quadras curtas, comércio intenso e variado, fluxo elevado de pessoas e diversidade de prédios, com diferentes padrões construtivos e idades. Em outros termos, manifestam-se mais amplamente o conjunto das condições de diversidade e vitalidade preconizados por Jacobs (2011). Igualmente, tem-se maior volume de pessoas circulando em todos os momentos do dia e também à noite. Além disso, os residentes comumente habitam edificações de dois pavimentos, em que no primeiro pavimento têm-se cômodos comerciais e, no andar superior, residências, a presença sistemática dos “olhos da rua”, elementos referenciados por Jacobs (2011) como favorecedores da segurança e do senso de comunidade locais.

Aproximando-se, no entanto, da rodovia MG-238, uma nova paisagem vai se delineando com a presença de maior número de edificações novas, de padrão construtivo mais elaborado, marcado pela atração de empreendimentos de maior porte e poder econômico. A demanda por maior extensão de terreno, a presença de edificações mais recentes e modernas – e, portanto, com valores de aluguéis impeditivos a grande número de micro e pequenas empresas – são alguns dos fatores explicativos da concentração, nesse trecho, de tal natureza de empreendimentos (Figura 3).



Figura 3 - Rua Santa Juliana por Trechos: Residencial, Serviços, Comércio e Grandes Empreendimentos Fonte: Dados da pesquisa.

Outro indicador de diversidade de ruas, bairros e cidades, segundo Jacobs (2011), é o tamanho das quadras. A maioria dos quarteirões da rua deve ser curto, com oportunidades frequentes de se dobrar esquinas. E complementa: vizinhanças isoladas têm tudo para ser abandonadas.

Tamanho das quadras

Em geral, os dados coletados junto à Rua Santa Juliana atendem ao requisito de tamanho das quadras, conforme sugerido por Jacobs (2011), notadamente, em seu trecho de maior vitalidade comercial – e, muito provavelmente, por influência do atendimento a esse quesito.

Inclusive, corroborando a perspectiva dessa autora, quando se compara tal característica junto a trechos da rua de maior dinamismo e intensidade, quer de fluxo de pessoas, quer de usos e funções – trecho de comércio intenso –, com aquele de menor vitalidade – o primeiro intervalo da rua – evidencia-se, nitidamente, diferenças nos tamanhos de suas quadras: O primeiro trecho compõe-se praticamente um único quarteirão. Aos poucos, a distância entre as quadras vai diminuindo, ampliando somente no final da rua (próximo à MG-238), dominada por empreendimentos de maior porte (Figura 4).



Figura 4 - Rua Santa Juliana: limites e quadras de faces. Fonte. Adaptado pelo autor de Google Maps, 2016.

Retornando às suas características morfológicas cabe destacar, sobretudo em seu trecho mais central, a prevalência de imóveis geminados ou muito próximos uns dos outros, favorecendo os deslocamentos a pé e a interação entre seus diferentes usuários:

Aqui facilita muito para o comércio, o quarteirão pequeno. É a praticidade, a gente se encontra aqui e dois minutos eu estou aqui na outra (Relato, Morador 26).

Então [...]. Eu não tinha pensado nisso, realmente os quarteirões são curtos (Relato, Transeunte 29).

Não obstante as facilidades decorrentes do reduzido espaço entre as quadras, relatos relevam que a circulação acaba por ser impactada por fatores como a ausência de pavimentação nos passeios públicos, o estreitamento dessas calçadas em vários pontos da via, a competição por “espaço” – inclusive nas calçadas –, com veículos, bicicletas, motos, ônibus e caminhões (Figura 5).



Figura 5 - Rua Santa Juliana Fonte: Dados da Pesquisa

Soma-se a isso queixas quanto a um rápido e desordenado crescimento do fluxo de veículos e ônibus sem correspondentes melhorias na mobilidade da região.

Finalmente, quanto ao seu futuro, a maior parte dos entrevistados destaca tendências quanto à consolidação como eixo de uma importante “centralidade local”. Concomitantemente, apontam para os desafios a serem superados, em particular, aqueles ligados à “infraestrutura física” e à “segurança”. Outro temor é que a Santa Juliana se converta em “via de passagem”, caracterizada por intenso tráfego de veículos e imóveis para fins unicamente comerciais, perdendo os traços que lhe conferem o *status* de “rua”. Em outros termos, os próprios fundamentos de sua vitalidade.

Considerações finais

A atual relevância atribuída à dimensão espacial pode ser evidenciada pelo crescente interesse que lhe dedicam não somente geógrafos, urbanistas, planejadores, como também sociólogos, etnólogos, historiadores e demógrafos. Conforme assinala Santos (2014), tal interesse encontra-se diretamente associado aos processos contemporâneos de mundialização da economia e dos mercados, os quais implicam demandas por redefinições de conceitos como os de “local” e “acontecimento”, bem como por enfoques epistêmico-metodológicos capazes de apreender sua complexidade na realidade em que vivemos.

Para tal, o arcabouço teórico de Jacobs relacionado à diversidade urbana revela papel fundamental como referencial para a verificação das condições de diversidade e vitalidade, a partir dos dados empíricos coletados na Santa Juliana. Como resultado, foi possível constatar sólidas evidências empíricas, que asseguram o alcance do conjunto dessas condições.

Primeiro, o intenso fluxo de pessoas e veículos favorecido por sua posição geográfica estratégica: principal via de acesso entre a região central da cidade e os condomínios de classe média-alta, conjuntos habitacionais populares, plantas industriais de grandes empresas e cidades rurais do entorno. Além disso, a rua atravessa sete diferentes bairros, com forte adensamento populacional, contando com ampla diversidade de meios de transporte coletivos em toda a sua extensão, com conexões com diferentes bairros de Sete Lagoas e cidades de seu entorno. Segundo, a variedade de usos e funções, com a prevalência de alternância, ao longo de toda a rua, entre residências, ampla diversidade de estabelecimentos comerciais e de serviços. Terceiro, a diversidade de usuários, por meio da presença de usuários de diferentes idades, níveis de escolaridade e orientações religiosas. Finalmente, a heterogeneidade de imóveis, com significativa mistura de prédios novos e antigos.

Nesse sentido, muito embora as comemorações dos 100 anos de nascimento de Jane Jacobs, é ela, no entanto, com suas perspectivas inovadoras e muito à frente de seu tempo que continua a nos presentear com *insights* e subsídios teóricos e metodológicos singulares ao desenvolvimento do pensamento, bem como de políticas e práticas direcionadas à construção de ambiências urbanas mais favoráveis à diversidade, à inclusão e à vitalidade.

Referências

- AGIER, M. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Tempo, 2011.
- BOLSON, E. Desenvolvimento econômico da cidade de Sete Lagoas: do “carro de bois” ao “Iveco Stralis”. Sete Lagoas: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, 2011.
- CALDEIRA, T. P. R. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CASTRO, F. J. R. Rua Santa Juliana. In: II Encontro de Arquitetura e Urbanismo UNIFEMM. Anais... Sete Lagoas: Unifemm, 2015.
- CDL SETE LAGOAS, Informativo. Projeto de revitalização da Santa Juliana: do papel para o canteiro de obras, Sete Lagoas, 16/07/2014a.
- CDL SETE LAGOAS, Informativo. Rede de Comerciantes Protegidos da Rua Santa Juliana foi instalada, Sete Lagoas, 22/08/2014b.
- CORDEIRO, G. I. A rua: espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- COOPERANDO, Jornal Informativo da Cooperativa dos Produtores Rurais de Sete Lagoas. Scoob/Credisete inaugura quarta agência na cidade. Sete Lagoas, ano 45, n. 469, 15/10/2010.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FANZINI, Revista. Serviço de marcação de faixas de pedestres é realizado pela Prefeitura Municipal, Sete Lagoas, 19/05/2015.

- FANZINI, Revista. Menores apreendidos na Santa Juliana, Sete Lagoas, 13/02/2008.
- FANZINI, Revista. 25º BPM apreende armas de fogo, Sete Lagoas, 23/04/2012.
- FLORIDA, R. A ascensão da classe criativa. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FOUCAULT, M. Os anormais. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GOLDSTEIN, J.; HAZY, J. K.; LICHTENSTEIN, B. B. Complexity and the nexus of leadership: leveraging nonlinear science to create ecologies of innovation. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- HANNAN, M.; FREEMAN, J. Structural inertia and organizational change. *American Sociological Review*, v. 49(2):149-164, 1984.
- IBGE, Censo Demográfico. Resultados gerais da amostra. IBGE–Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/home.pdf>>. Acesso em: 25/01/2016.
- JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- JACOBS, J. The economy of cities. New York: Vintage Books, 1969.
- JORNAL DO LEGISLATIVO, Melhorias na rua Santa Juliana foram discutidas em mais uma audiência pública, Sete Lagoas, ano 6, n. 94, 30/11/13.
- JORNAL SETE DIAS. Sete Lagoas inaugura 4ª agência do SICOOB Credisete, Sete Lagoas, 05/10/2010.
- JORNAL SETE DIAS. Câmeras do olho vivo passam por manutenção, Sete Lagoas, 17/09/2013.
- JORNAL SETE DIAS. Falta de segurança no trânsito preocupa, Sete Lagoas, 09/09/2013.
- JORNAL SETE DIAS. Rua Santa Juliana soma 100 acidentes somente em 2011, Sete Lagoas, 08/12/2011.
- JORNAL SETE DIAS. Ufa! Até que enfim o trânsito da Rua Santa Juliana será debatido por nossos Edis, Sete Lagoas, 15/12/2011.
- LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 2012.
- OLIVEIRA, F. B.; SANT'ANNA, A. S.; DINIZ, D. M. Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: o caso Paraty (RJ). Rio de Janeiro: EBAPE-FGV/FAPERJ, 2011 (Relatório de pesquisa).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, Informativo. Lei nº 5722, de 25 de novembro de 1998. Sete Lagoas, 25/11/1998.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, Informativo. Pedido de Providência 860/2011: Limpeza Pública na Rua Santa Juliana. Sete Lagoas, 04/02/2012.
- SAAE EM FOCO, Obras na rua Santa Juliana: sinalização e comunicado minimizam transtornos, Sete Lagoas, 30/05/2014.
- SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M.; CARVALHO, T. M.; SOUZA, I. A. Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: um estudo do caso Sete Lagoas (MG). Nova Lima: FDC/FAPEMIG, 2012 (Relatório de pesquisa).
- SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M.; CARVALHO, T. M. Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: um estudo do caso Tiradentes (MG). Nova Lima: FDC/FAPEMIG, 2011 (Relatório de pesquisa).
- SANTOS, M. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2014.
- SENNETT, R. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.
- SINDICOMÉRCIO SETE LAGOAS, Informativo. Alterações no trânsito Rua Santa Juliana, Sete Lagoas, 30/06/2012.
- SOJA, E. W. Para além de posmetropolis. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.136-167, 2013.

- VELHO, O. G. Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. São Paulo: SciELO-Centro Edelstein, 2009.
- WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. (Org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Submetido: 20 de agosto de 2016. Aceito: 28 de novembro de 2016

Abstract

Based on Jane Jacobs theoretical framework this paper presents results of empirical research developed in order to investigate relations between the instances "space" and "social action", considering street of the "periphery" of Sete Lagoas (MG), evidenced by its "marginality", despite high potential for dynamism, diversity and vitality. It interested to investigate what this bricoleur would have to inform us about the construction of socio-spatial dynamics where creativity, diversity, and difference could be factors of socioeconomical development. In methodological terms, the research can be characterized as a qualitative case study involving document analysis, direct observation, and 41 semi-structured and in depth interviews. As result, it highlights the relevance and timeliness of the Jane Jacobs theoretical framework in the analysis of socio-spatial conditions of diversity and vitality.

Keywords: Jane Jacobs; Urban Planning; Public Space; Social Space; Socio-Spatial Vitality.

Resumen

Este artículo presenta, a partir de los marcos teóricos basados en Jane Jacobs, resultados de investigaciones empíricas desarrolladas con el fin de investigar relaciones entre las instancias "espacio" y "acción social", teniendo en cuenta cómo objeto de investigación calle de la "periferia" de Sete Lagoas (MG), evidenciado por su "marginalidad", a pesar del alto potencial de dinamismo, diversidad y vitalidad. el interés fue investigar lo que esta calle bricoleur tendría que informarnos acerca de la construcción de dinámicas socio-espaciales donde la creatividad, la diversidad y la diferencia se pueden configurar como factores de desarrollo socioeconómico. En cuanto a la metodología, la investigación que apoya sus resultados puede ser caracterizado como estudio de caso de naturaleza cualitativa usando el análisis de documentos, observación directa y 41 entrevistas semiestructuradas y en profundidad. Como resultado pone de manifiesto la relevancia y potencialidad del marco teórico de Jacobs em la investigación y análisis de las condiciones socio-espaciales de diversidad y vitalidad.

Palabras clave: Jane Jacobs; Planificación urbana; Espacio público; Espacio social; Vitalidad Socioespacial.